

**PLANO CEIBAL:
PRAÇA E ESCOLA COMO AMBIENTES COMUNICACIONAIS**

Helena Maria Cecília Navarrete¹

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre os processos de comunicação em dois ambientes comunicacionais que se viram atingidos pela materialidade do Plano CEIBAL (Plan de Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea): a praça e a escola. Nestes últimos cinco anos, o governo uruguaio entregou, aos alunos das escolas públicas e aos professores, mais de 570.000 laptops e 6.000 pontos de acesso gratuitos à internet em diferentes espaços públicos do país. O artigo tem como quadro teórico de referência as noções de Vicente Romano, José Eugenio Menezes, Vilém Flusser, Norval Baitello Junior e Harry Pross.

Palavras-chave: 1. Ecologia da Comunicação 2. Capilaridade 3. Plano CEIBAL 4. Vinculação. 5. Ambientes Comunicacionais

Introdução

Em 2007, o governo uruguaio, via decreto presidencial, implementa em todo o país, uma política pública chamada Plano CEIBAL (Plan de Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea), com o objetivo de garantir aos alunos da escola pública (06 a 14 anos) e seus professores, um computador portátil com acesso universal e gratuito à Internet. (Plan CEIBAL, online).

O projeto segue a proposta pedagógica da ONG “One Laptop Per Child” (OLPC), do Instituto Tecnológico de Masachussets (MIT): entregar a cada criança, entre 6 a 12 anos, um laptop, em propriedade, que tenha acesso à Internet e trabalhe com software livre e aberto (sistema operativo Linux Kernel e interface Sugar). (UNESCO, 2010). O computador desenvolvido pela OLPC chama-se XO, o qual armazena o sistema operativo e

¹ Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. hnava@uol.com.br

os dados dos usuários em memória flash (não tem disco rígido), possui áudio, câmera de vídeo e rede sem fio.

O gerente geral do Plano CEIBAL, Gonzalo Pérez Piaggio, afirmou, durante a palestra de abertura do Encontro “1.edu – Apropriación y Desarrollo: Modelos 1 a 1”, (Universidade da República - 07/05/2012), que já haviam sido entregues, até esse momento, 570.000 laptops a alunos e professores, 6.000 pontos de acesso à Internet, sendo que 2.600 pontos haviam sido disponibilizados em escolas públicas e o restante em praças, hospitais, ginásios, bibliotecas, etc.

Para podermos compreender como a praça e a escola, dois importantes ambientes para o sistema de vinculação social, viram-se atingidos pela força dos meios eletrônicos (laptops e pontos de conexão), consideraremos, como quadro teórico de referência, a ecologia da comunicação, a escalada da abstração, as capilaridades e a Teoria da Mídia.

Ambientes Comunicacionais

A comunicação, segundo Vicente Romano, tem uma dimensão ecológica e ética, já que cria vínculos entre os seres humanos e entre os humanos e as máquinas. Com isso, Romano propõe colocar no centro das preocupações de um novo saber científico, a ecologia da comunicação, para que esta investigue “por um lado, a repercussão da técnica na índole da comunicação humana (relação tecnologia-comunicação) e, por outro, os efeitos da comunicação tecnificada na natureza humana..., na sociedade ...e na natureza extra-humana...” (ROMANO, 2004, p.151) ². Segundo Romano, a introdução das mídias terciárias “tem consequências para os indivíduos e para a sociedade” (ROMANO, 2004, p.11), já que hoje temos mais aparelhos técnicos, mais comunicação tecnificada, mais informação e menos contato pessoal, o que acaba modificando, para ele, a relação entre a função socializadora da comunicação e a sua função informativa.

Esta teoria desenvolvida por Romano tem seus fundamentos na proposta de Harry Pross sobre a comunicação e o corpo: “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e

² Traduções livres do espanhol para o português sob responsabilidade da autora.

toda comunicação retorna para lá” (PROSS *apud* BAITELLO 1972, p.128), ou seja, é no corpo que começa e termina a comunicação.

Ao colocarmos o corpo, como mídia fundamental, no centro da discussão da comunicação, passamos a compreender que este corpo, pela sua simples presença, gera vínculos, simbólicos ou materiais, que lhe permitem, segundo Baitello, apropriar-se do espaço e do tempo de sua própria vida e da vida de outros. Portanto, para Baitello, os processos comunicativos são construções que pretendem estabelecer ou manter vínculos e, portanto, não podemos mais pensar a comunicação “como simples conexão ou troca de informações, mas necessariamente é preciso ver nela uma atividade vinculadora entre duas instâncias vivas” (BAITELLO, 2008, p.100).

Além de criar vínculos, o corpo, a primeira mídia, para Baitello, é “o catalisador inicial de um ambiente comunicacional” (2008, p.99), já que a sua presença possibilita processos de interação com trocas de informações visuais, olfativas, auditivas, táteis e gustativas. Este intenso processo de comunicação exige, porém, que para funcionar “estejamos no mesmo espaço e no mesmo tempo que o interlocutor” (2005, p.32), portanto “a mesma presença e o mesmo presente” (BAITELLO, 2005, p.65).

O homem, como forma de vencer a morte (tempo) e a ausência (espaço), desenvolveu, ao longo de sua história, outras mídias (ferramentas e aparatos) que lhe permitem perpetuar-se no tempo e no espaço, construindo pontes com maior intensidade.

Harry Pross, em sua obra *Investigação sobre a Mídia*, publicada em 1972, classifica os diferentes meios de comunicação de acordo com os vínculos estabelecidos: a mediação primária ou mídia primária, a mediação secundária e mediação terciária.

Na mídia primária, para Pross, o homem cria possibilidades de vínculos com pessoas que estão próximas dele, através do corpo, de sua presença, de sua expressividade corpórea, ou seja, através dos gestos, mímicas e movimentos.

Menezes, que trabalha com os conceitos de mídia de Pross em seu livro *Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros*, alerta-nos para a importância de, ao pensarmos o corpo como mídia primária, não observarmos apenas as funções biológicas desse corpo, mas também a memória cultural que este comunica, ou seja, devemos tratar o corpo como texto da cultura, pois a forma como gesticulamos, como falamos, como nos expressamos está influenciada pela cultura na qual estamos inseridos (MENEZES, 2007).

A mídia secundária é constituída, para Pross, por meios de comunicação que transportam uma mensagem, ampliando o alcance desta, no tempo e/ou no espaço e/ou na intensidade e, com isso, aumentando as possibilidades de vínculos com um número maior de pessoas, sem que o receptor “necessite um aparato para captar seu significado”: imagem, escrita, impresso, livro, panfleto, revista, etc (PROSS *apud* BAITELLO, 2005, p.81).

Para Pross, a mídia terciária é constituída por aqueles meios de comunicação que precisam dos aparelhos técnicos de ambos os lados do processo, ou seja, é necessário um aparato para emitir e codificar e outro para receber e decodificar a mensagem. Desta forma, nas chamadas mídias eletrônicas (rádio, televisão e as redes de computadores), os “emissores e receptores precisam de equipamentos para criação de vínculos” (MENEZES, 2005, p.27).

Para Baitello, as diferentes mídias não são excludentes, pelo contrário, são cumulativas e formam uma memória (BAITELLO, 2005). Porém, se com a mídia secundária e terciária conquistamos uma vitória simbólica sobre o tempo, o espaço e a intensidade, elas também nos trouxeram, segundo Flusser, uma escalada de abstração de alguns sentidos, ou seja, a perda gradativa da presença do corpo nos processos comunicativos, construtores de vínculos com as coisas e com os outros.

Para Flusser, a escalada da abstração, da subtração dos sentidos, que vai do mais complexo ao mais simplificado, permite-nos experimentar quatro tipos de comunicação: tridimensional, bidimensional, unidimensional e nulodimensional.

A comunicação tridimensional, para Flusser, permite ao homem a experiência nas três dimensões: altura, largura e profundidade. Neste tipo de comunicação, estando face a face, o homem pode utilizar todos os seus sentidos para se vincular com os outros e com os fenômenos.

O segundo nível é o plano bidimensional, o das imagens (revistas, jornais, outdoors, cartazes), onde não teremos a presença da profundidade, já que esta comunicação, como afirma Menezes, “não ocorre na presença, mas na ausência do outro” (2009, p.107).

O terceiro plano é o unidimensional: o traço e a linha da escrita. A quarta comunicação, que aparece com a tecnologia binária/digital, é o plano nulodimensional, quando experimentamos um mundo abstrato, não material, construído por números e

algoritmos, subtraído da espacialidade, onde o corpo passa a ocupar o espaço virtual do não-espaço, sendo um corpo não-corpo.

Para Menezes, ao desenvolver esta noção de escalada da abstração, Flusser pretendia “indicar o que ganhamos e o que perdemos no trânsito entre os diferentes processos” (2006, p.74) e não exaltar um tipo de comunicação em detrimento de outra, pois cada forma de comunicação tem suas vantagens e desvantagens, desafiando, o homem, a aprender a conviver e a se comunicar nessas diversas dimensões.

No livro “*A serpente, a maçã e o holograma*”, Baitello nos apresenta a noção de capilaridades da comunicação, dando um passo à frente na Teoria da Mídia de Harry Pross e na escalada da abstração de Vilém Flusser.

Para Baitello, cada tipo de capilaridade comunicacional cria um tipo de ambiente, ou seja, cada mídia se infiltra, se move, penetra nas porosidades do tecido cultural, de forma e com intensidades diferentes. Baitello divide as capilaridades da comunicação em quatro: capilaridade da comunicação presencial, alfabética, elétrica e eólica.

Segundo Baitello, na capilaridade da comunicação presencial, ou seja, na presença da mídia primária, acontece a “maior receptividade e porosidade às intenções comunicativas” (2010, p.108), porque o corpo nos remete aos fundamentos afetivos de nossa sociabilidade e, por isso, comenta Baitello, dificilmente resistimos à magia produzida pela presença do outro.

A capilaridade alfabética, constituída pela mídia secundária, que tem a capacidade de reinventar a vida, as coisas, o mundo, através da narrativa, tem, segundo Baitello, a sua força de permeabilidade em declínio, já que a mídia escrita não toca a maioria dos seres humanos, além da escrita alfabética deixar espaço para uma escrita neopictogramática por ser mais amigável e de mais fácil assimilação.

Para Baitello, a capilaridade elétrica, que ocorre na presença da rede elétrica e dos meios terciários, tem o extremo poder da instantaneidade, o que modifica a relação de espaço e tempo, criando no homem a falsa impressão de proximidade absoluta, ou seja, “seu espaço passa a ser o espaço sem distância e afastamento, apenas o espaço da proximidade, um espaço que traz o mundo” até ele (2010, p.111).

A capilaridade eólica está relacionada à terceira catástrofe (Flusser) sofrida pelo homem e que o impele a retornar à vida nômade, já que a sua casa transforma-se em um

lugar inabitável por estar desprotegida, esburacada diante dos ventos da mídia. Para Baitello, o nomadismo é um neonomadismo já que o homem exerce o caminhar, não mais com os pés e sim, e apenas, com os olhos.

A praça

A praça é um espaço público de importante vinculação social. Na praça podemos ver e sermos vistos, conhecer e reconhecer, dividir, aprender, usar coletivamente o tempo livre, ou seja, comunicar, lançar pontes, construir vínculos, afetos que nos permitam apropriar dos espaços e dos tempos de nossas vidas e dos outros (BAITELLO, 2005).

Para Romano, esses cenários de comunicação social devem desaparecer em função da infraestrutura das telecomunicações, pois os “espaços de experiência humana definem-se cada vez mais de forma medial” (2004, p.19), ou seja, existe uma profusão cada vez maior das relações comunicativas tecnológicas em substituição dos lugares de comunicação intensa. Por esta razão, segundo Romano, devemos “reivindicar, proteger e fomentar os espaços experimentais, os lugares públicos, contra a retificação telemática (rede, tecido) da sociedade” (2004, p.19), pois são nesses espaços públicos, como a praça, onde aprendemos a ser, garantindo a coesão social, a comunicação, o não isolamento, ou seja, a qualidade de vida de uma comunidade.

Para Romano, é necessário misturar os espaços comunicativos mediais e não mediais, com ou sem acessibilidade, ou seja, devemos proteger-nos da onipresente agressão medial das mídias terciárias, pois “a telecomunicação não é desejável a qualquer hora e nem em qualquer lugar” (2004, p.21). Segundo Romano, caso o homem não consiga reconhecer essa necessidade, ocorrerá com “a comunicação o que seja tecnicamente factível, induzível” (2004, p.22), ou seja, uma comunicação descontextualizada e atemporal.

As praças uruguaias receberam, através do CEIBAL, antenas e servidores para a conectividade gratuita à Internet, a partir dos quais os alunos podem, com seus computadores pessoais, isto é, com suas mídias terciárias, navegar e experimentar o mundo nulodimensional.



Projeto “Había una vez un cuento digital”
Alunos aguardando a leitura dos contos digitais,
na praça.³



Projeto “Había una vez un cuento digital”
Encenação da Branca de Neves durante o evento.

Além disso, o Plano CEIBAL, desenvolve ações educativas e/ou recreativas nas praças, onde se misturam diferentes tipos de relações comunicativas, relações mediais e não mediais, permitindo a constituição de novos ambientes comunicacionais onde se pode transitar entre os diversos tipos de espaços: da comunicação com todos os sentidos do corpo até a comunicação abstrata, numérica.

1. 1º Concurso Fotográfica Escolar de Sauce

Como parte da comemoração de 160 anos da fundação da cidade de Sauce (35 quilômetros de Montevideo com 11.000 habitantes), a prefeitura realizou, durante o ano de 2011, o 1º Concurso Fotográfico com o tema: “SAUCE MI CIUDAD... FOTOGRAFIANDO COM LA XO”. Neste concurso puderam participar apenas os alunos das escolas públicas da cidade e região, pois as fotos tinham que ser feitas com a câmera do laptop XO.

Os alunos, das várias escolas públicas rurais e urbanas, enviaram para um endereço eletrônico, mais de 50 fotos digitais, das quais sete delas foram premiadas.

³ https://www.facebook.com/PlanCeibal?viewas=0&sk=app_2309869772

No dia da comemoração da fundação da cidade, na praça central, os alunos, juntamente com os seus professores e diretores, participaram de uma experiência tridimensional ao aguardarem e receberem a notícia dos melhores colocados. Cada aluno vencedor recebeu das mãos de personalidades locais, um prêmio (pen drives, mouses para os alunos e redes e bolas para as escolas) e um certificado de participação no concurso.



Alunos recebendo a premiação na Praça Central de Sauce



Alicia Garcia de León⁴ entregando os diplomas aos vencedores do Concurso⁵

A experiência no campo bidimensional ocorreu na abertura da Mostra de Fotografia, onde, na Biblioteca Municipal, pela primeira vez, os pais e os alunos puderam ver no bidimensional as fotos tiradas no nulodimensional, ou seja, puderam apreciar no papel a foto que havia sido feita em arquivo digital e enviada por Internet ao concurso.



Exposição das fotos vencedoras na Biblioteca de Sauce⁶

⁴ Alicia Garcia de Leon é a responsável pela Área de Informação e Bibliotecas da Comuna Canaria

⁵ Fotos NAVARRETE, H. M. C.

⁶ Fotos NAVARRETE, H. M. C.

Portanto, o concurso de fotografia permitiu aos alunos aprenderem as diferentes dimensões da comunicação, podendo exercitar, transitar na escalada da abstração: no nulodimensional, experimentaram tirar e enviar as fotos; no tridimensional, vivenciaram, na praça, juntos com seus colegas e professores, a expectativa pela premiação e visitaram a biblioteca; no bidimensional, viram as fotos impressas em papel.

2. Projeto “RAP en las Plazas”

O Projeto “RAP en las Plazas” surgiu em San José, cidade a 78 km de Montevideo, através dos voluntários do RAP CEIBAL, Red de Apoyo al Plan Ceibal, em 2009 e se estendeu por todo o país, com o objetivo, segundo Roció Medina, voluntária do RAP CEIBAL, de “sensibilizar, promover e avisar que as XO estavam para chegar a aquela localidade. Nós os esperávamos com mesas temáticas: navegação na internet, processadores de texto, fotografia, etc.” Portanto, os voluntários convidavam os alunos e suas famílias, através de autofalantes, avisos em rádio, cartazes nos supermercados etc., a irem até a praça para conhecerem as funcionalidades dos laptops, das XO, que estariam sendo entregues nas escolas.

No texto “Red de apoyo al Plan CEIBAL”, os autores afirmam que a ideia de ir até os lugares públicos, em especial as praças, para poder compartilhar o conhecimento, surgiu da observação de que os alunos e, muitas vezes, os seus familiares, iam a esses espaços para conseguirem conectar-se à Internet. “É assim que esses espaços públicos voltaram a servir de ponto de encontro social, e o grupo de voluntários de RAP San José começou a ir a esses lugares com o objetivo de conseguir vincular-se com a comunidade” (OCHO, G. et al, 2010, p. 55).

Em maio de 2009, na praça Vieira de Montevideo, “... mais de 500 pessoas tiveram acesso às XO (sem contar as pessoas que foram acompanhar as crianças, porque senão duplicaríamos o número!)”. No encontro, além de poder entrar na Internet e conhecer o laptop, “Tivemos música, conversas, jogos, perguntas e respostas ...” (ROMERO, Leticia, 2012).



Plaza Vieira – Montevideo – 23/05/2009⁷

Os voluntários, portanto, ao perceberem a presença da comunidade (alunos, pais, familiares) nas praças, ao compreenderem a revitalização do ambiente comunicacional, desenvolveram um projeto educativo no espaço público, através do qual, não somente os alunos, mas toda a família, poderia ter experiências com a mídia terciária, com o mundo nulodimensional, sem esquecer de incentivar o mundo não mediado, o mundo tridimensional, através de jogos e música. Além disso, o projeto permite que as pessoas vivenciem a capilaridade elétrica e com isso compreendam que a ferramenta, a XO, pode ser útil, não só para o desenvolvimento educativo das crianças, mas, também, importante para a comunicação e inclusão da família.

A Escola

A introdução da mediação terciária no ambiente escolar uruguaio, com a possibilidade de conectividade na escola e em outros lugares públicos, criou novos espaços de interação, de vinculação comunicativa, ou seja, modificou a natureza da comunicação e consequentemente, o processo de ensino-aprendizagem, pois “... se pode aprender em qualquer parte; se pode aprender a qualquer hora, se pode aprender com quem se queira; e se pode aprender a aprender” (PEÑA-LÓPEZ, 2011:73)

7

<https://plus.google.com/photos/115817314187581725432/albums/5339538830899663249/5339539253557906034?banner=pwa>



Alunos conectados nos espaços públicos⁸

A escola, assim, viu como o poder da capilaridade elétrica, que se faz sentir na presença da mídia terciária, modificou a relação espaço e tempo do processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno pode, agora, aprender em diversos espaços (na escola, na casa, na praça, etc, a partir de uma experiência tridimensional e/ou nulodimensional) e a qualquer tempo (antes, durante o após o horário escolar).



Alunos em sala de aula⁹

Além disso, a escola teve suas paredes, seu teto, sua estrutura esburacada pela força da mídia, da capilaridade eólica, pois a conectividade com a mídia terciária, permitiu que os

⁸ Fotos NAVARRETE, H. M. C.

⁹ Fotos NAVARRETE, H. M. C.

alunos tivessem outras fontes de informação, não ficando restritos ao conhecimento do professor ou do livro.

Considerações Finais

Quando pensamos o Plano CEIBAL, a partir das noções trabalhadas neste artigo, compreendemos que a materialização deste projeto, modificou o cenário comunicacional uruguaio, pois criou novas formas de aproximação do corpo com outro corpo e com os fenômenos, ou seja, novos tipos de vinculação. A presença do computador e da Internet na vida de milhares de crianças, possibilitou uma nova forma de vinculação entre eles, deles com a máquina e deles com a sociedade/cultura, criando com isso uma nova ambiência, um novo ambiente comunicacional, com um novo sistema de mediação da mídia.

Pelas observações do primeiro ano de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, esta nova ambiência, marcada pelo cotidiano das crianças (família, amigos, vizinhos, praça, escola) que, também, convivem com equipamentos (computadores), permite que os alunos possam aprender a transitar nos diversos espaços (da comunicação com todos os sentidos do corpo até a comunicação abstrata, numérica) e a trabalhar com os diversos tipos de mídias, possibilitando, assim, que as crianças cresçam aprendendo as vantagens e as desvantagens de cada ambiente comunicacional.

A revitalização dos espaços públicos não ocorreu somente pela presença da internet e do computador (capilaridade elétrica), mas pela permeabilidade da leitura de contos, da produção de currículos (capilaridade alfabética) junto com a diversão das brincadeiras, dos jogos, dos fantoches (capilaridade da comunicação presencial), ou seja, a convivência na praça, com diferentes tipos de capilaridades comunicacionais, favoreceu o desenvolvimento das relações sociais, da vivência coletiva, demonstrando que é possível criar espaços comunicativos com o cultivo de experiências de mediação face a face e de mediação eletrônica, diminuindo com isso a onipresente agressão medial (Romano) e melhorando a comunicação e a qualidade de vida de uma comunidade.

A inclusão de uma nova mediação no ambiente escolar aumentou a pressão da capilaridade eólica e elétrica sobre a instituição, pois ela teve suas paredes esburacadas pela força dos ventos da mídia (eólica) e suas fronteiras expandidas pela mudança na relação

espaço e tempo (elétrica), ou seja, não existe mais um espaço físico e um tempo definido para que ocorra o processo de aprendizagem e não há apenas uma forma de obter uma informação.

Independente das críticas que serão encontradas no desenvolvimento posterior da pesquisa em andamento, o Plano CEIBAL fomentou os espaços experimentais coletivos e aumentou o raio de ação da permeabilidade da capilaridade elétrica e eólica.

Hoje, no Uruguai, não são mais as casas ou escolas que estão inabitáveis por estarem frágeis diante dos ventos da mídia. As cidades estão esburacadas e os ventos sopram tão fortes e tão encantadores que fazem com que as crianças marchem, caminhem em direção aos espaços públicos, para poderem surfar, voar com os olhos.

Referências

BAITELLO Jr., Norval. **A era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BAITELLO Jr., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

BIBLIOTECA MULTIMÍDIA CEIBAL. Disponível em:
<http://www.cep.edu.uy/archivos/normativa/circulares/2012/actas/Acta24b_12.pdf .> Acesso em: 25 jun.2012.

COMISIÓN DE POLÍTICAS DEL PLAN CEIBAL. El Plan CEIBAL. Breve descripción y principales líneas de acción. In.: **En el camino del Plan CEIBAL**. Montevideo. UNESCO, 2009, cap.1.

Comuna Canária – “Cultura te da señal” em Toledo, Disponível em:
<<http://www.imcanelones.gub.uy/?q=node/4774>> . Acesso em: 20 jun 2012

Hoy Canelones - “Cultura te da señal”: Bibliotecas municipales contarán con conexión al Plan Ceibal. Disponível em:
<http://www.hoycanelones.com.uy/2011/index.php?option=com_k2&view=item&id=356:%E2%80%9Ccultura-te-da-se%C3%B1al%E2%80%9D-bibliotecas-municipales-contrar%C3%A1n-conexi%C3%B3n-al-plan-ceibal&Itemid=>> Acesso em: 20 jun 2012.

MEDINA, Rocío. O projeto “RAP en las Plazas” [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <hnava@uol.com.br> em 21 jun 2012

MENEZES, J. E. de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume. 2007.

MENEZES, J. E. de O. “Incomunicação e Mídia”. In: BAITELLO, Junior et al. (Org.), **Os meios da Incomunicação**, São Paulo: Annablume. 2005. p.25- 33.

PEÑA-LÓPEZ, Ismael. Educación y Desarrollo en un mundo de redes in:Editor: Centro CEIBAL – ANEP. **El modelo CEIBAL**. Nuevas tendencias para el aprendizaje. Montevideo, ANEP/CEIBAL, 2011. Cap. 3

PLAN CEIBAL. Portal Educativo. Disponível em: <http://www.ceibal.org.uy>. Acesso em: 20 dez 2011.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

ROMERO, Leticia. RAP en las Plazas se lanzó en Montevideo: ¡éxito total!. Site RAP CEIBAL. Disponível em:
<<http://rapceibal.blogspot.com.br/2009/05/rap-en-las-plazas-se-lanzo-en.html>>. Acesso em: 20 jun 2012.

UNESCO. **Mobilización social para CEIBAL**. Montevideo, 2010.